

NO RASTO DA ÁRVORE-TRISTE (NYCTANTHES ARBOR-TRISTIS L.) NOS TEXTOS BOTÂNICOS DOS SÉCULOS XVI E XVII

Teresa Nobre de Carvalho

Centro de História da Ciência - Universidade de Lisboa
Doutoranda em História e Filosofia das Ciências pela FCUL. Bolseira FCT.
teresanc89@hotmail.com

Resumo

A *Nyctanthes arbor-tristis* L, é aplicada na medicina tradicional indiana. Esta utiliza-a, nomeadamente, no tratamento de doenças de coração e de fígado, febres, reumatismos, desinterias ou mordeduras de cobra. Estudos de bioactividade recentes evidenciaram algumas propriedades hepatoprotectoras, anti-virais, anti-fúngicas e anti-helmínticas dos extractos alcoólicos de folhas, sementes e flores desta planta. Estas análises preliminares permitem sublinhar algumas das propriedades terapêuticas defendidas pela medicina tradicional. A moderna farmacologia pode assim, num futuro próximo, vir a alargar o leque de moléculas naturais com interesse terapêutico de que hoje dispõe.

A biologia desta árvore, que floresce ao pôr-do-sol e que perde as suas flores ao raiar da aurora, sempre fascinou os europeus. O agradável aroma desta floração tão particular é notado por muitos. A impossibilidade de cultivar esta curiosidade no Ocidente tornou a Europa do Renascimento sequiosa de informações sobre esta maravilha da Ásia.

Nos *Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India* (Goa, 1563), Garcia de Orta apresentou a *Árvore triste*. Muitos outros viajantes e eruditos europeus se referiram posteriormente a este fenómeno do mundo natural asiático. O presente trabalho propõe-se efectuar uma viagem pelos compêndios botânicos de Quinhentos e Seiscentos com o objectivo de analisar o interesse que esta planta despertou entre os sábios de então.

Palavras-chave: Árvore-triste; *Nyctanthes arbor-tristis* L; Botânica asiática; Garcia de Orta

Em ‘*Voyage autour de la terre*’, Jean de Mandevilleⁱ ao aproximar-se de Hébron afirma:

‘*Assez près d’ Hébron, est le mont de Mambré qui donne son nom à la vallée. Là, il y a un chêne [...]. On l’appelle aussi l’Arbre sec. On dit que cet arbre a existé dès le commencement du monde. Il était toujours vert et feuillu jusqu’à la mort de Notre Seigneur en croix. Il commença alors à sécher et ainsi firent tous les arbres qui étaient alors dans le monde entier. Ils se desséchèrent ou leur cœur se fendit et pourrit, et ils demeurèrent vides et creux à l’intérieur. Il en reste encore beaucoup dans le monde. Certaines prophéties disent qu’un prince d’Occident fera la conquête de la Terre promise avec l’aide des Chrétiens et fera chanter la Messe sous cet Arbre sec, alors cet arbre reverdira, portera des branches, des*

feuilles et des fruits et, devant ce miracle, nombre de Sarrasins et de Juifs trouveront la foi et se convertiront à la religion chrétienne'

Jean de Mandeville, como outros autores que o antecederam, retoma esta lenda que circula no Ocidente desde o século I. O texto Mandeville, que teve enorme divulgação sob a forma manuscrita e impressaⁱⁱ, tem subjacente uma preocupação da sua época: a reconquista de Jerusalém e a conversão dos infiéis. Durante os tempos medievais, o imaginário do europeu foi preenchido por fábulas fantásticas associando o mundo natural ao espiritual. Ao longo do século XVI, com o avanço no conhecimento sobre plantas, animais e minerais, os textos sobre o mundo natural tenderam a ser mais realistas. No entanto, o encontro com culturas diversas trouxe ao europeu viajante realidades por vezes surpreendentes.

Na carta que Linschoten dirige de Goa aos pais em 1584, entre as muitas notícias que lhes vai dando, surge esta curiosidade.

'Aqui nesta terra existe uma árvore chamada árvore-triste, que por todo o ano tem umas flores que à noite, ao pôr do sol, começam a florir, caindo de manhã com o nascer do sol, sem uma única delas ficar na árvore ; são como as flores da laranjeira, tendo um cheiro suave . Esta árvore encontra-se apenas aqui em Goa.' (LINSCHOTEN, 1997 p.58)



Figura 1- LINSCHOTEN, Jan Huygen van, *Itinerario, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Indias Orientais ou Portuguesas* (Amesterdão, 1596)

Mais à frente, na dedicatória que apresenta ‘Aos altíssimos e ilustríssimos, poderosos, nobres, honrados, sábios e providentes senhores, meus amos, representantes dos Estados Gerais das Províncias Neerlandesas Unidas’ Linschoten ao falar dos mistérios da Criação diz :

‘Sem dúvida, é digno de espanto que a árvore-triste (como é chamada pelos portugueses das Índias Orientais) floresça a noite inteira e ao amanhecer deixe cair apressadamente a sua flor, de cheiro suavíssimo, começando pelo ano inteiro a florir de novo com o pôr do sol.’ (LINSCHOTEN, 1997 p :63)

A *árvore-triste* parece assim ser considerada uma das preciosidades e das maravilhas da Índia.

Terá sido Linschoten o primeiro a descrever esta raridade botânica? No *Tratado dos Descobrimentos* (1563), António Galvãoⁱⁱⁱ refere-se a uma planta que supomos tratar-se da *árvore-triste*. Galvão descreve-a da seguinte forma:

‘Há uma árvore que, assim que o sol se põe, enfloresce, e cai-lhe [a flor] quando nasce’ (GALVÃO, 1563, p:374)

Desde a Antiguidade, passando pelos nossos navegadores, comerciantes, médicos e boticários, nunca ninguém olhou para esta planta? Tal não se pode afirmar. O que se pode dizer é que não se conhece, neste momento, qualquer testemunho anterior ao de Galvão.

I. O CONTRIBUTO DE GARCIA DE ORTA

Entre as quase seis dezenas de Capítulos que Garcia de Orta apresenta na sua obra, um dos mais pequenos é dedicado à *árvore-triste*. Apresentada entre o anacardo e o anil, a *árvore-triste* de Orta ocupa pouco mais de folha e meia. Orta atende a alguns aspectos externos da planta assim como a práticas locais com ela relacionadas: a utilização das flores para tingir os comeres; a apetência dos indianos para os cheiros; o valor económico e cultural das flores; a mitologia local. Num capítulo acrescentado

no final da obra, Orta afirma que a água destilada das flores da *árvore-triste* embebida num pano de linho, serve para lavar os olhos.

Orta não descreve a árvore deixando a Ruano a tarefa de a esboçar em traços largos.

Se a árvore não é descrita, se não apresenta propriedades medicinais dignas de relevo, se é vulgar nos quintais de Goa, que razão levou Orta a dedicar-lhe um capítulo? Curiosidade? Terá esta árvore o estatuto de um *segredo*, já que, impossível de transportar até à Europa, constitui uma mais-valia na já rica colecção de exotismos de Orta? E porquê falar das fábulas daquelas gentes^{iv}? Em nenhum outro colóquio Orta se refere de forma tão evidente a aspectos mitológicos. Conrad Gessner, um dos grandes sábios do seu tempo, na sua *Historia Animalium* (Zurique, 1551-1558) associa, a cada animal que descreve, um emblema. A atribuição de valor simbólico a cada ser é assim comum no universo mental dos eruditos do século XVI. A que simbologia se refere Orta? De que forma terão tratado este colóquio os tradutores de Orta?

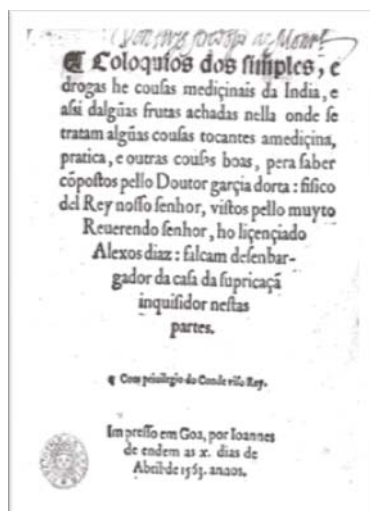


Figura 2- Folha de rosto de *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* de Garcia de Orta (Goa, 1563)

II. OS ERUDITOS QUINHENTISTAS EUROPEUS FACE AO TESTEMUNHO DE ORTA

Charles de l'Écluse (Clusius) segue de muito perto o testemunho de Orta.



Figura 3- Folha de rosto de *Aromatum et Simplicium Aliquot Medicamentorum Apud Indos Nascentium Historia* de Clusius (Charles de l'Écluse) (Antuérpia, 1567)

O Livro II do *Aromatum*, o *Indicarum aliquot plantarum historia*, é inteiramente dedicado às plantas e aos reis da Índia. O primeiro capítulo é sobre a *árvore-triste*. Diz Clusius.

Nos medicamentos e nas raízes indianas desconhecidas por nós, pensei que não seria fora de propósito começar por uma certa árvore que só floresce desde o pôr até ao nascer do sol, quase nada durante o dia.(CLUSIUS, 1964, p: 209)

Tomando Orta, conta Clusius:

A árvore é do tamanho da oliveira, com folhas parecidas às da ameixeira, com uma flor muito cheirosa durante a noite (enquanto floresce), da qual, que eu saiba, não fazem nenhum uso por ser tenra: a não ser os pedúnculos das flores, que são amarelo-alaranjados, dos quais usam os habitantes desta cidade para tingir os alimentos, pois que o fazem como o

açafrão. Querem alguns que a água destilada das flores seja útil aos olhos pondo um pano de linho molhado nela. Esta árvore é vulgar em Goa, e dizem ter sido trazida de Malaca. Nunca a vi em outra parte da Índia. Chamam-lhe em Goa Parizataco, em malaio Singadi. O nome de árvore-triste foi-lhe dado porque só floresce de noite. Os indígenas fabulam que um certo sátrapa, de nome Parizataco, tinha uma filha elegante, a qual, tendo-se perdido de amores pelo Sol, por ele foi violada. Como ele a deixasse depois, seduzido pelo amor de outra, a filha de Parizataco, horrorizada com o seu amor, resolveu matar-se. Das cinzas do corpo cremado (nesta região os cadáveres são queimados) nasceu esta árvore, cujas flores detestam o sol de tal modo que não conseguem vê-lo.

O cheiro fragrante dessas flores faz lembrar o cheiro de duas outras flores.

Umas são chamadas Mogori^v, muito mais aromáticas do que as flores de laranja, cujo líquido destilado entre estes teve o mesmo uso que a água das flores de laranja entre os Espanhóis.

As outras flores (de que se faz aqui muita aplicação), chamadas Champe^{vi}, são dum cheiro mais forte do que o lírio branco. (CLUSIUS, 1964, p:209-210).

Clusius termina o presente capítulo referindo-se à importância que as gentes da terra dão aos aromas.

Em 1572, Juan Fragoso publica em Madrid, *Discurso de las cousas aromáticas*... Nesta obra, recupera a lenda da filha de Parizataco, decrevendo-a em moldes semelhantes a Orta. No seu Discurso nono ‘*Del arbol triste*’, Juan Fragoso afirma:

‘Hallase en la ciudad de Goa, un cierto arbol, q dicen averse traydo de Malaca: el qual no muestra sus flores, sino es desde que se pone el Sol hasta que sale. Por el qual respecto se llamo Arbol triste. Es de grandeza de Olivo, y produze las hojas semejantes a las del Ciruelo: Sus flores son de olor muy intenso, y no se sabe que tengan algun uso medicinal, por respecto de su delicadeza y rara textura. Salvo que de los palillos a do estan asidas (que son amarillos) se aprovechá los moradores de la tierra, para teñir los guisados en lugar de açafran. Y aun dicen algunos, que el agua destilada destas flores, es muy provechosa para los ojos. E puesta en un pañico de lienço. Dizen los comarcanos, que este arbol, fue hija de un grande satrapa, llamado Parizataco, y que siendo enamorada del Sol, la deexo despues de avida, por tomart amores con otra, y que de pura ravia se vino a matar, y quemada (como se acostumbra entre aquella gentilidad) nacio de la ceniza este arbol. Por lo qual aborrecen tanto sus flores al Sol, que se esconden y no parecen en su presencia.’ (FRAGOSO, 1572, f:33f-33v)

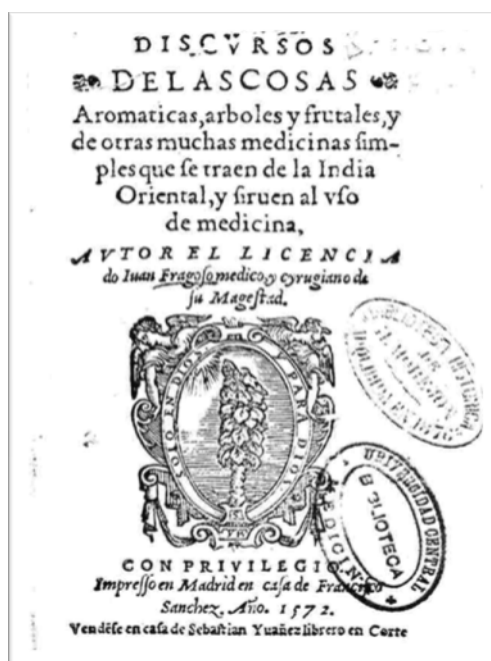


Figura 4- *Discursos de las cosas aromaticas, arboles y frutales, y muchas otras medicinas simples que se traen de la India Oriental, y sirven al uso de medicina* de Juan Frago (Madrid, 1572)

Tal como Clusius, Frago retoma a questão do aroma destas flores:

‘Pero dexando fabulas a parte, y bolviendo al olor de las flores, es tal y tan grande, q priva a otras dos flores olorosissimas de la India. La una se llama Mogori, mucho mas fragante q el azahar: y la otra Champe, de olor mas subido q el de las açucenas. Estas son las flores, q juntamente con la rosa, rinden a los reyes, con que ellos adornan y atavian sus palacios.’ (FRAGOSO, 1572, f :33v-34f)

Frago continua:

A proposito del Arbol triste, se ofrece aqlla yerva muy comun en Castilla, llamada Hesperis de Theophrasto, de quie escribe Plinio dezirse assi, porque huele de noche. (FRAGOSO, 1572, f :34f-34v)

Numa tentativa de relativizar a importância desta planta, impossível de transportar até à Península, Juan Frago parece recordar que em Castela há plantas de semelhante odor – como o *alhely del campo* - às quais já se referira Plínio. Tanto Frago como Clusius tomam as informações que consideram relevantes no Colóquio

6º *Da árvore Triste*, de Garcia de Orta. A Clusius cabe o mérito de ter percorrido toda a obra de Orta colectando informações dispersas sobre cada planta. O dado importante sobre a *árvore-triste* que Clusius foi buscar ao Colóquio do Betre é um pequeno detalhe, aparentemente sem importância: o uso medicinal da água destilada das suas flores. Entre as muitas notas relativamente ao aloés, canela, jaca, bezoares, pavão, etc, que Orta acrescenta no último Colóquio, há este curto parágrafo onde se lê:

‘...e também me lembra, que o arvore triste, que estilam, a agoa delle molhando os panos nella, he boa pera os olhos.’ (ORTA, 1892, vol.II, p:396)

A aparente irrelevância desta lembrança de última hora de Garcia de Orta parece justificar o direito desta árvore em estar presente numa farmacopeia sobre o Oriente.

Em 1578, Cristóvão da Costa faz referência, no seu *Tractado de las Drogas...* (Burgos, 1578) à lenda, descrevendo-a nos mesmos moldes apresentados por Orta. Mas Costa demora-se junto à árvore. Descreve-a com detalhe e emoção. Observa-a com rigor e objectividade. Apresenta à Europa a primeira imagem gráfica da planta. Descreve o seu fruto que compara a um *Lupinus*. Uma planta que nunca poderá ser cultivada na Europa dado que apesar de diversas tentativas de transporte para a Europa, as sementes nunca nela germinaram. Associado ao exotismo desta planta, ao fenómeno botânico bizarro, acresce o facto de ser invisível ao olhar dos europeus, dada a sua incompatibilidade com o mundo ocidental. Costa, no entanto, atribui-lhe qualidades medicinais que não incluem as acrescentadas por Orta. Este médico, em vez das *parvoices desta gentilidade* de Orta, prefere falar de *fábulas e metáforas daquelas gentes*.

Cristóvão da Costa debruça-se longamente sobre esta planta. A descrição pormenorizada que dedicou a esta árvore faz supor um cuidado na observação muito maior do que aquele que Orta lhe dispensou. Por este motivo, somos levados a aceitar que o valor desta árvore para Orta é diferente daquele que lhe atribui Costa. Vejamos o texto do capítulo XXVII do *Tratado de las Drogas...* (Burgos, 1578):

A breve introdução de Costa, aproxima-se da de Orta:

‘Há uma árvore em certas partes da Índia, principalmente no Malabar, onde há muita quantidade dela, que é do tamanho e quase do parecer (pelo menos nas folhas) da ameixeira, ou abrunheiro.’ (COSTA, 1964, p:133)



Figura 5- *Tractado de las Drogas, y Medicinas de las Indias* de Cristóvão da Costa (Burgos, 1578)

É de salientar o silêncio de Cristóvão da Costa relativamente a Malaca. Na verdade, enquanto que Orta nos propõe a origem malaia desta árvore, Costa parece ter algumas reservas. O médico de Burgos, que se supõe ter ido a Malaca durante a sua estadia no Oriente, parece não ter lá visto qualquer árvore-triste^{vii}. Caso contrário tê-lo-ia sublinhado. Na realidade esta pequena árvore é cultivada com frequência na Índia sendo espontânea nas províncias centrais (Orta, 1891, vol I, p:72). No que respeita à sinonímia, o médico de Burgos vai bastante mais além e corrige mesmo o erro de Clusius:

‘Chama-se esta árvore em canarim, Parizataco; em malaio Singadi; e os Portugueses Árvore-triste; e em arábio, Guart; persa e turco Gul; em decanim, Pul. ‘ (COSTA, 1564, p:133)

O grande objectivo de Costa, revelador do cuidado com que observou (e desenhou) a árvore, está na sua descrição. Órgãos vegetativos e peças florais são registados com enorme detalhe e riqueza de cor e aroma.

‘Esta árvore deita muitos ramos delgados, e divididos por ordem com nós de um espaço a outro. E de cada nó saem duas folhas, uma para cada parte, do tamanho da folha da ameixoeira, ou abrunheiro: muito branda como a da sálvia pela parte silvestre: e coberta de um véu branco: e pela doméstica mais verde, e algum tanto áspera, e não é tão recortada ao redor como a do abrunheiro, nem com tantas veias. Sai de cada pé de folha um pèzinho com cinco cabecinhas pequenas na ponta: cada cabecinha tem quatro folhinhas pequenas em redondo, e de dentro de cada cabecinha saem cinco flores, uma em cada folha, e outra no meio: as quais de dia estão muito fechadas e recolhidas, e em anoitecendo se abrem. Estas cabecinhas deitam de si umas mui formosas flores brancas, do tamanho e parecer da flor de laranjeira: mas são mais subtis, mais formosas, e mais aromáticas. O pé desta flor é mais vermelho que amarelo: e serve este pé naquelas partes, para tingir o guisado com ele, como se faz com o açafão ordinário. Tem-se da gente da terra por cordial, mas amarga um pouco, que eu o provei colhido da árvore, e no comer sempre se acha um pouco de amargor.
‘(COSTA, 1964, p:133)

Mas ninguém parece resistir às *‘fábulas e lendas daquela gentilidade’*. Costa retoma assim a lenda contada por Orta.

‘São aqueles índios muito fabulosos, e precisam de compor fábulas, e falar por metáforas: e acerca desta árvore dizem eles, que houve uma donzela muito formosa, filha de um grande senhor, chamado Parizataco, e que esta donzela foi enamorada do Sol, o qual a deixou por amores de outra, e que ela com despeito do Sol se matou, e sendo queimada (segundo o seu uso) da sua cinza se engendrou aquela árvore: por cuja causa as suas flores aborrecem tanto ao sol, que nunca aparecem na sua presença.’ (COSTA, 1964, p:133-135)

Cristóvão da Costa parece então justificar a referência de Orta à paixão daquelas gentes pelos aromas. Aparentemente não há árvore que dê aroma semelhante:

‘Coisa é certo de grande regalo, ver esta fresquíssima árvore de noite, toda cheia destas formosas flores, com um aroma tão suavíssimo e aprazível, que por meu parecer entre todas as flores, que cheirei, nenhuma a iguala: principalmente entrando de súbito onde está a árvore, que depois que são tocadas com a mão cheiram pouco. E estando tão florida, e fresca, em toda a noite, saindo o sol, não só todas as flores caem em terra, sem ficar

nenhuma, mas também a árvore, e as folhas parecem ficar murchas e meio secas.’ (COSTA, 1964, p:135)

A referência ao fruto é uma novidade de Costa. O facto de o comparar com uma planta vulgar, parece ser uma tentativa de aproximação ao Ocidente. Mas a ligação da sua forma ao efeito e à fábula, recorda-nos a antiga *teoria das assinaturas*, que procurava associar o efeito de um determinado simples à sua forma. Nota-se, com alguma perplexidade, que o médico eliminou a referência às virtudes terapêuticas da água destilada das suas flores no tratamento de doenças de olhos proposta por Orta. Diz Costa:

‘O fruto desta árvore é do tamanho de um tremçoço, chamado em latim Lupinus: e de um verde claro, feito em forma de um coração, com uma divisão pelo meio secundum longitudinem, a qual faz este fruto contíguo. E em cada uma destas partes tem um receptáculo, no qual se encerra uma semente, do tamanho da semente de alfarroba, e fazendo a mesma figura de coração. É esta semente branca, e tenra, coberta de uma película verde-clara e algum tanto amarga no sabor. Dizem os médicos gentios, que usam delas nas medicinas confortativas do coração.’(COSTA, 1964, p:135)

E Costa termina com uma notícia desoladora para o Ocidente: esta magnífica planta não pode ser aclimatada aos jardins europeus. Ricos ou pobres, todos tentaram transportá-la para as suas casas, com os maiores cuidados e atenções, mas aquela planta, tão vulgar entre os indianos, não se lhes verga. A maravilhosa *árvore-triste* só pode chegar à Europa através de relatos e figuras construídas por viajantes e aventureiros:

‘Muitos vice-reis da Índia, e capitães, e outras pessoas particulares pretenderam trazer esta planta a Portugal, e não saíram com ela. E a semente sei eu de alguns, que a trouxeram colhida na sazão, e em vasos de vidro bem fechados, e forrados: e em vasos de prata, e em outros de madeira, e de outras maneiras para a semear: e assim fizeram com toda a curiosidade, mas não nasceu em Portugal. No Malabar, e em Goa, e no seu arredor, se cria de tal modo, que qualquer ramo desta árvore que metam na terra, prende.’ (COSTA, 1964, p:135)

O emocionado testemunho de Costa relativo a esta árvore é complementado por uma gravura, tão harmoniosa como qualquer das outras que Costa apresenta. O desenho do médico é a primeira imagem que chega à Europa de tão particular curiosidade. Trata-se, aparentemente, da única forma possível de tornar visível ao europeu uma maravilha tão delicada



Figura 6 – Representação da Árvore-triste por Cristóvão da Costa (*Tractado de las Drogas, y Medicinas de las Indias* Burgos, 1578)

Em 1582, no *Aliquot notae in Garciae...*^{viii}, Clusius volta a falar da *árvore-triste*. Para além da descrição dos frutos, Clusius inclui ainda uma gravura, que representa um ramo trazido do Oriente por um mercador veneziano da sua confiança. O atento observador adianta ainda uma explicação para o bizarro comportamento desta espécie. Segundo o botânico, as flores caem ao nascer do sol seja por qualquer aversão oculta, seja pela subtileza da seiva, que é consumida pelos raios de sol, pois aquelas que não são tocadas pelo sol permanecem mais tempo na árvore (CLUSIUS, 1582, f:11)

No *Herbario Nuovo* de Castor Durante (1585), a *árvore-triste* surge associada ao mesmo mito revelado por Orta, mas ilustrada de forma diversa. A árvore do sol e da lua, parece mais representada pelo seu valor cosmológico do que pelas suas propriedades medicinais. A curiosa imagem da árvore triste, de alguma forma, ilustra o espírito da lenda que a ela se encontra associada. O desfasamento entre a imagem

proposta por Castor Durante e as apresentadas nos textos de História Natural então publicados, afastou alguma comunidade sábia do *Herbarum Nuovo*.



Figura 7- Representação da Árvore-triste por Castor Durante (*Herbarum Nuovo*, 1595)

Diz a versão inglesa do texto de Durante^{ix}:

‘Of this tree the Indias say, there was once a very beatiful maiden, daughter of a mighty lord called Parisatacho. This maiden loved the Sun, but the Sun forsook her because he loved another. So, being scorned by the Sun, she slew herself, and when her body has been burned, according the custom of the land, this tree sprang from the ashes. And this is the reason why the flowers of this tree shrink so intensely from the Sun, and never open in his presence. And thus it is a special delight to see this tree in the night time, adorned on all sides with its lovely flowers, since they give forth a delicious perfume, the like of which is not to be met with in any another plant, but, no sooner does one touch the plant with one’s hand, than its sweet scent vanishes away. And however fair the tree has appeared, and however sweetly is has bloomed at night, directly the Sun rises in the morning, it not fades, but all its branches look as though they were withered and dead.’

Quase em simultâneo, (1586-1587) Jacques Dalechamps publica em Lyon, os dois volumes *Historia Generalis Plantarum*. No capítulo que dedica às Plantas Peregrinas (vol II, p:1851-1852), o botânico retoma o texto do *Aromatum* de Clusius. Dalechamps dá igualmente crédito às informações veiculadas por Costa. Ao

reproduzir as gravuras de Costa e Clusius, Dalechamps presenteia os seus leitores com todas as imagens então em circulação sobre a árvore^x.



Figura 8 - Folha de rosto de *Historia Generalis Plantarum* de Jacques Dalechamps (Lyon, 1585-1586)

Em 1596 surge o testemunho de Linschoten. Para além o espanto patente nas cartas anteriormente referidas, este Secretário do Arcebispo de Goa redige, ao chegar à Europa, o *Itinerario*...para o qual conta com a preciosa ajuda de Berent ten Broecke - o Dr. Paludanus.

Para nos descrever o mundo natural asiático, Linschoten começa por falar dos animais. Ligando os capítulos das romarias e cerimónias ao mundo animal, Linschoten parece querer estabelecer um elo de ligação entre as gentes e os gados, as aves, os elefantes, rinocerontes, peixes e animais marinhos. Só então, Linschoten se volta para o mundo vegetal. Opta por falar primeiro ‘de todas as frutas, árvores, plantas e ervas comuns na Índia, e em primeiro lugar a fruta chamada ananás’. Ao tomar em primeiro lugar a botânica do quotidiano da Ásia, Linschoten continua a descrever uma relação intensa e inseparável que se verifica entre estas gentes e o mundo que as rodeia, retomando a ideia que Orta deixara passar nos *Colóquios dos Simples*. A referência à jaca, às mangas, ao caju, ao jambo, aos figos-da-Índia, às palmeiras, aos duriões de Malaca ou aos bambus, prepara o terreno para a chegada da

árvore-triste. A esta seguir-se-ão o bétele, a datura, as especiarias e as pedras preciosas. Este itinerário de Linschoten pelo mundo natural asiático estabelece uma rota de saída do Oriente em direcção a Ocidente. Atravessando o quotidiano das populações afasta-nos a pouco e pouco do interior das suas vidas para nos levar de volta à Europa a bordo de naus carregadas de valiosas mercadorias e curiosidades.



Figura 9- Representação da árvore-triste por Linschoten
Itinerario, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas (Amesterdão, 1596)

Nas gravuras que acompanham o *Itinerario*, a imagem da *árvore-triste* ilustra o texto. Nesta representação, os dois estados da árvore ocupam o centro do desenho, estando a *árvore de dia* mais próxima da casa para onde, de costas voltadas para o quotidiano da Índia, se dirige o europeu. A construção fechada que envolve a presença europeia na Ásia: a casa, o pomar ou a gaiola do pássaro, contrastam com o espaço livre e aprazível do dia-a-dia da Índia.

No Capítulo 59 do seu *Itinerário*, Linschoten, baseando-se no Colóquio 6º de Garcia de Orta, escreve assim.

A árvore-triste é assim chamada em virtude de nunca florir a não ser de noite, e isto durante o ano inteiro. E é uma coisa maravilhosa de contemplar, pois ao pôr-do-sol não se vê flor nenhuma e meia hora depois do sol posto está completamente coberta de flores, de forma que é um deleite para os olhos; e logo ao nascer do dia e do sol todas estas flores caem e cobrem a terra, sem uma única ficar na árvore,

permanecendo as folhas meio-fechadas, pelo que parece ter morrido, até chegar a noite, quando começa de novo a florir como antes. A árvore é do tamanho de uma ameixeira e existe geralmente nos pátios das casas, por deleite e pelo seu agradável aroma. Cresce muito rapidamente, pois também nascem frequentemente rebentos novos perto da raiz, e mal os ramos atingem meia braça de altura já têm tantas flores como os ramos mais antigos da árvore. E caso se cortar a árvore toda, logo despontam novos ramos da raiz, e floresce dentro de menos de meio ano. E se se arrancar apenas um ramo da árvore para o plantar algures na terra, começa logo a crescer e floresce dentro de poucos dias. As flores são quase iguais às flores das laranjeiras, pois são brancas, com o pé amarelo e avermelhado. São usadas na Índia como açafrão para cozinhar, e igualmente para tingir, tal como o açafrão, mas não são tão boas nem tão saborosas, embora satisfaçam na falta do outro. (LINSCHOTEN, 1997, p:225).

E Paludanus continua:

Estas árvores não se encontram em parte alguma, senão em Goa e Malaca, e nalguns outros lugares para onde foram levadas e plantadas pelos portugueses junto das suas casas, pois só vieram para a Índia de Malaca; mas no interior não há nenhuma. Na língua malaia chamam-lhe ‘singadi’ e em decani ‘parizataco’, no Decão ‘phul’, entre os árabes ‘ward’ e entre os persas e turcos ‘gul’. (LINSCHOTEN, 1997, p:225).

Mais abaixo, retomando o texto de Costa e Clusius, Paludanus conclui:

‘Na descrição que Cristóvão da Costa faz desta árvore, lê-se que tem o tamanho e a forma de uma ameixeira, com muito ramos pequenos, divididos em muitos pequenos nós ou articulações, onde nascem duas folhas, uma oposta à outra, do tamanho das folhas da ameixeira, moles e ásperas por fora, quase como as folhas da salva, e verdes e um pouco pontiagudas por dentro, em volta não tão recortadas nem tão cheias de veias como as folhas da ameixeira. No meio, entre cada duas folhas, nasce um pedúnculo com cinco cabecinhas, compostas de quatro folhinhas circulares, de onde nascem cinco bonitas florzinhas brancas, parecidas em tamanho e forma com as flores da laranjeira, embora mais pequenas, mais bonitas e mais bem cheirosas, tendendo o pedúnculo mais para o vermelho do que para o amarelo. Os indianos utilizam-no para tingir as suas comidas, tal como entre nós se faz com o açafrão. A fruta verde tem o tamanho do lúpulo^{xi} e tem a forma de um coração; cortada ao

comprido pelo meio, tem em ambos os lados uma custódia, onde se escondem as sementes também essas de forma de um coração, do tamanho das sementes de alfarroba, cobertas de uma película verde e algo amargas.

Entre todas as flores, estas têm o cheiro mais suave, especialmente quando não são tocadas pela mão, pois de outra maneira perdem logo o seu cheiro e murcham. Os indianos crêem que estas flores reconfortam o coração, mas são algo amargas. Os gentios contam também a semente entre os medicamentos que confortam o coração. As flores podem ser misturadas na comida. A semente foi frequentemente enviada para Portugal e semeada, mas nunca quis crescer, qualquer que fosse o esforço que se fizesse. As flores caem ao nascer do sol, como diz Clusius, seja por qualquer aversão oculta, seja pela subtileza da seiva, que é consumida pelos raios de sol, pois aquelas que não são tocadas pelo sol permanecem mais tempo na árvore. Estas flores são apanhadas cuidadosamente, delas se destilando uma água muito suave e bem cheirosa, chamada água de mogarim. Jan Huygen trouxe-me a semente delas da Índia, a qual deitei à terra, mas não cresceu.’ (LINSCHOTEN, 1997, p:226-227)

Relativamente a Linschoten, Costa ou Orta, a Paludanus parece faltar o embate com o real. Aquela *coisa maravilhosa de contemplar* de que fala Linschoten e que testemunha o texto e a imagem de Costa, não chega a Paludanus. O médico disseca o objecto, tentando racionalizar a informação disponível. A análise de Paludanus, isenta de emoção, pois nem a semente que lhe trouxe Linschoten germinou, lança hipóteses explicativas para o comportamento desta árvore tão particular. Apesar de pouca utilidade lhe poder ser reconhecida na Europa, a *árvore-triste* permanece no imaginário dos sábios europeus como uma das curiosidades botânicas resgatadas pelo Oriente.

III. A CHEGADA AO SÉCULO XVII

Em 1612, Manuel Godinho de Erédia descreve a *árvore-triste* com alguma economia de palavras^{xii}:

He arvore de menor altura, e a frol he branca com pé amarello que serve de açafran pera temperado. E sua natureza he fria, e presta pera despedir malenconya. E tem tal propriedade que ao por do sol começa a rebentar ou abrir as flores por toda a noyte, e ao nascer do sol, se despedem caem as flores da arvore.(ERÉDIA, 2001, f:40v)

Durante o século XVII, as informações respeitantes à *árvore-triste* são alvo da atenção do mundo erudito. Não apenas pelo seu lado curioso e fabuloso mas pela sua importância enquanto novidade botânica. No seu *Pinax Theatri Botanici*...Gaspard Bauhin reserva um lugar preciso para a árvore triste. Na *Sectio Tertia* do *Liber Duodecimus*, dedicado aos *Myrtus, Ruscus; Vitis et Radix idaea; Buxus; Olea; Salix; Agnus castus & Spiraea*, encontra-se um pequeno sub-grupo dedicado à *Myrto similes exotica*. Neste, no ponto II. *Arbor tristis myrto similis*, podem encontrar-se todos os autores que, até então se dedicaram ao assunto.^{xiii}

Van Reede, na sua enciclopédia sobre o mundo natural do Malabar – o *Hortus Indicus Malabaricus* - debruça-se sobre a árvore maravilhosa. No entanto não faz qualquer referência ao aspecto mitológico. O desenho que acompanha o capítulo ilustra a delicadeza da árvore.

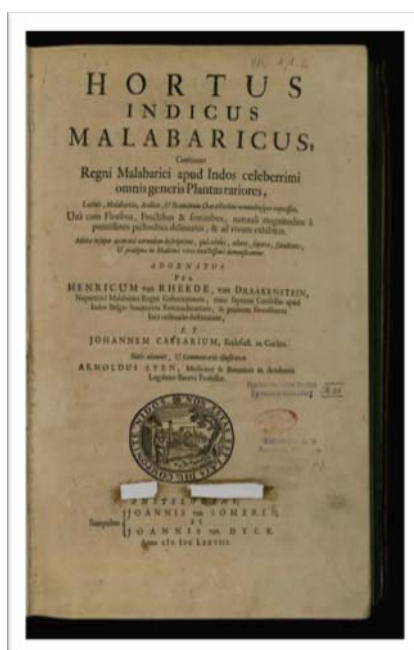


Figura 10- Folha de rosto de *Hortus Indicus Malabaricus* de van Reede (1678-1703)

Em 1688, John Ray cria um ‘diagnóstico-tipo’ para a descrição de cada nova planta. Esquivando-se do interesse medicinal ou da utilidade terapêutica, Ray cria uma lógica de descrição objectiva. Para cada planta Ray procura registar o habitat, as características morfológicas, a época de floração assim como eventuais propriedades medicinais. A sua tabela sinóptica de plantas inclui uma alusão à *árvore-triste*. Esta

surge agora nos compêndios botânicos como uma entidade autónoma e não mais como uma lenda ou símbolo.

Em meados do século XVIII, Lineu identificará como espécie botânica a *Nyctanthes arbor tristis* L, baseando-se para tal nos estudos publicados no correr do século anterior por Bahuin, Paul Hermann e van Reede.

CONCLUSÃO

O percurso de quase 150 anos que aqui se esboça corresponde a uma evolução na forma de compreender o mundo natural, em particular, o mundo botânico. De uma leitura do mundo vegetal observado (Orta, Costa), passou-se gradualmente para a tentativa de organização e classificação de Bauhin, para se chegar a uma botânica teórica, libertada dos aspectos sociais, políticos, religiosos, étnicos que gravitam em torno dela (John Ray). O contributo de cada um destes sábios foi, a seu modo, relevante para a construção da Botânica enquanto Ciência.

A realidade botânica descrita por Lineu tem a sua origem no olhar de Orta sobre os jardins goeses. A questão do critério seguido por Orta para incluir no *Colóquios dos Simples* esta tão breve referência à árvore-triste continua em aberto. A preocupação do médico não parece ter sido apenas a descrição de uma nova entidade botânica. O espaço que o médico destina à lenda talvez mereça uma atenção redobrada. Encanto? Curiosidade? Metáfora? Não sabemos qual foi a verdadeira atitude de Orta. Talvez nunca o venhamos a saber. Mas parece certo que os seus contemporâneos captaram a sua mensagem.

Para a árvore triste, o mais importante (ou talvez não) é que esta pôde deixar o quotidiano da Índia para se instalar, de forma clara, no mundo erudito europeu.

ⁱ Jean de Mandeville, *Voyage autour de la terre*. 2004, p: 51

ⁱⁱ Conhecem-se 250 manuscritos do texto de *Voyages* e numerosas versões impressas. Uma das primeiras foi a de Augsburg, 1478. Ver a este respeito o estudo de Christiane Deluz sobre a obra de Mandeville.

ⁱⁱⁱ António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, p :374.

^{iv} Na mitologia asiática, os hindus crêem que esta árvore foi oriunda dos céus, tendo sido oferecida por Khrishna a sua mulher, Satyabhâma dado o agradável aroma das suas flores, sendo estas usadas no culto dos deuses da Índia.

^v O Conde de Ficalho identifica estas flores com o *Jasminum sambac*, Ait., chamado na Índia *mogra* ou *mogri*, cujas flores são empregues como perfume e nos ornatos e coroas que as mulheres hindus colocam sobre a cabeça em ocasiões festivas (Conde de Ficalho, vol I, p :73)

^{vi} *Michelia champaca* L. da família das Magnoláceas. Flores muito estimadas em toda a Índia e por isso chamadas *Rei* ou *Rainha das flores*. (Conde de Ficalho, vol I, p : 73)

^{vii} O facto de Cristóvão da Costa afirmar no *Tratado das Drogas* que provou duriões, fruta muito perecível e incapaz de atravessar os mares e chegar em condições a Goa ou Cochim parece apoiar a possibilidade de uma visita de Costa até à península malaia.

^{viii} *Caroli Clusii Atreb. Aliquot notae in Garciae Aromatum Historiam*. Antuérpia, Ex officina C. Plantini, 1582

^{ix} Tradução apresentada por Arber feita a partir do *Hortulus sanitatis*...1609. Ver Agnes Arber, *Herbals their origin and evolution*. Cambridge. Cambridge University Press, 1999 p :102-103

^x As inúmeras figuras de Dalechamps serão integralmente retomadas por Jean de Moulins na *Histoire Generale des Plantes* e parcialmente por Antoine Colin na versão francesa do *Aromatum* de Clusius (Lyon, 1602) ?

^{xi} Paludanus confunde a referência de Costa ao tremçoço (*Lupinus luteus* L) do Género *Lupinus* com a vulgar trepadeira de onde se extrai o lúpulo (*Humulus lupulus* L).

^{xii} Manuel Godinho de Erédia, *Suma das Arvores e Plantas da India Intra Ganges*, f 40v.

^{xiii} Na página 469 encontramos referência a : Garz.. Acosta, *Frag. Clus ad Garz.Linsch*. Deste modo, este eminente botânico, coloca ao lado do vulgar *Myrtus* europeu, uma planta das Índias Orientais que chegou ao Ocidente através das lendas da Índia. Com Bauhin já não é a faceta lendária da planta que conta mas a realidade objectiva da presença de uma nova entidade classificada.

BILIOGRAFIA

BAHUIN, Gaspard (1623), *Pinax Theatri Botanici*, Basileia, Joannis Regis.

CLUSIUS (1567), *Aromatum et Simplicium Aliquot Medicamentorum Apud Indos Nascentium Historia*, Antuérpia, Christophori Plantini.

CLUSIUS (1582), *Aliquot Notae in Garciae Aromatum Historiam*, Antuérpia, Christophori Plantini,

CLUSIUS (1567), *Aliquot Notae in Garciae Aromatum Historiam*. / *Clusius*: versão portuguesa com introdução e notas do Dr. Jaime Walter. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar. 1964.

COSTA, Cristóvão (1578), *Tractado de las Drogas, y Medicinas de las Indias*..Burgos, Martin de Victoria.

COSTA, Cristóvão (1578), *Tratado das drogas e medicinas das Indias Orientais: no qual se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia de Orta / Cristóvão da Costa*.; versão portuguesa com introdução e notas do Dr. Jaime Walter. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar. 1964.

DALECHAMPS, Jacques (1585-1586), *Historiae Generalis Plantarum*, Lugduni, Gulielmum Rovillium

DURANTE, Castor (1585), *Herbarum Nuovo*, Roma, Bartholomeo Bonfadino e Tita Dianii,

ERÉDIA, M.G. (2001), *Suma de árvores e plantas da Índia Intra Ganges*. Ed. de J. G. Everaert, J. E. Mendes Ferrão; M. Cândida Liberato. Lisboa. CNCDP.

FRAGOSO, Juan (1572), *Discursos de las cosas aromaticas, arboles y frutales, y muchas otras medicinas simples que se traen de la India Oriental, y sirven al uso de medicina*, Madrid, Francisco Sanchez.

GALVÃO, António (1563), *Tratado dos Descobrimentos*, Ed. Visconde da Lagoa; Elaine Sanceau, Porto, Civilização, 1987.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van (1596), *Itinerario, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Ed. de Pos, Aries.; Loureiro, R.M. Lisboa, CNCDP. 1997.

MANDEVILLE, Jean (1478), *Voyage Autour de la Terre*, Trad. Christiane Deluz. Paris, Les Belles Lettres, 2004.

ORTA, Garcia de, *Colóquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediçinais da India...*(1563), Goa, Ioannes de Endem.

ORTA, Garcia de, *Colóquios dos Simples e drogas da India* (1563), ed. Conde de Ficalho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda ,1891-1892

VAN REEDE TOT DRAKESTEIN, Hendrik (1678-1703), *Hortus Indicus Malabaricus...* Amesterdão, J. van Dick,.